

A LAVADEIRA

A grande massa dos habitantes das favelas do Rio de Janeiro é constituída pelas populações que vêm dos Estados mais próximos do Distrito Federal, atraídos pela miragem da facilidade de vida da grande cidade. A dificuldade e o preço das habitações e dos transportes, obrigam-nos, porém a se incorporarem à massa dos favelados.

Habituamo-nos a considerar as favelas como o refúgio da escória social, dos delinquentes e vagabundos, mas, isso é verdadeiro, apenas, até certo ponto, em virtude de constituírem as favelas, na maioria dos casos, como que zonas independentes dentro da cidade, circunscricões livres e sem lei.

Geralmente o habitante da favela possui uma profissão. Interrogado, quando não declina a de carroceiro, cozinheiro ou outra qualquer, declara que vive de biscates.

O elemento feminino também "se defende", no seu próprio dizer. A mulher trabalha como doméstica ou se dedica à lavagem de roupa, emprégo que, em geral, também foi seguido pela mãe, o que o transforma em profissão de família.

Vestida geralmente de chita, lenço amarrado à cabeça, e calçada de tamancos, a lavadeira traz, uma ou duas vezes por semana, da casa da freguesa, a trouxa de roupa, que é lavada em tina colocada do lado de fora da casa à guisa de tanque. A água utilizada é apanhada nas bicas, quando existem, sendo, algumas vezes, obtidas em casas que possuem água corrente em quantidade superior às necessidades. Quando há "minas", nos morros, o proprietário aumenta uma certa quantia no aluguel da lavadeira profissional, levando em conta a quantidade média de água que gasta. Em latas sôbre a cabeça, é carregada pela própria lavadeira que paga, porém, a outra pessoa, geralmente um menino quando, por um motivo qualquer, não pode fazê-lo. Outras vezes, paga pela concessão de colocar a tina perto da mina, tendo então, maior facilidade no trabalho.

O coradouro é constituído por quatro ripas de madeira ou bambu, sôbre as quais são colocadas outras horizontalmente, em virtude de o pequeno espaço não permitir o de grama ou capim.

Em cordas do lado de fora da casa, é posta a roupa a secar. Quando chove há necessidade de recolhê-la e estender as cordas no interior da casa, o que não constitui problema muito sério quando o barraco possui mais de um cômodo.

Do mesmo modo que o sabão e o anil, o carvão para o ferro de engomar é adquirido pela lavadeira, sendo raras as freguesas que os pagam separadamente.

Pronta e engomada a roupa, é ela arrumada em pilhas para ser entregue. Geralmente é enrolada em uma toalha apropriada, de saco alvejado, com renda grossa ou franja nas pontas. Hoje, porém, notamos uma outra tendência: pelo fato de lavarem para pontos diferentes da cidade, as lavadeiras acostumaram a embrulhar a roupa em papel grosso e resistente, de sacas de cimento, que não se rompem nos bondes ou trens.

O trabalho da lavadeira é, algumas vezes, realizado na casa da freguesa, onde lucra a possibilidade de melhor alimentação e maior facilidade de trabalho. Não é êsse, porém, o comum dos casos. A necessidade de ter fregueses mais numerosos e de cuidar dos filhos, além da liberdade de tratar dos misteres domésticos faz com que a roupa seja levada para lavar em casa.

Premida pelas dificuldades da vida a auxiliar o marido, a lavadeira tem, outras vezes, a seu cargo, a direção da família da qual se torna o verdadeiro chefe e que essa muda heroína da favela consegue manter com o seu estôrço humilde e sem glória.

ELOÍSA DE CARVALHO.



PERCY
1908